



Editorial

Desde cedo, e normalmente na Catequese, aprendemos uma imensidão de “normas” e “regras”, entre as quais figuram os chamados “Mandamentos da Lei de Deus”, e fomos convidados a sabê-los de cor e na ponta da língua, porque, afinal, eles retractam aquilo que devemos fazer, ou não fazer!

Crescemos imbuídos numa imensidão de “mandamentos”, “leis”, “princípios” e afins, e isto não apenas ao nível do nosso ser cristão, discípulos do Mestre: é a sociedade com suas leis e princípios, o Estado com a sua “Constituição”, as organizações e Movimentos com as suas “regras” e estatutos, a Igreja com o seu “Código de Direito Canónico”, um oceano de leis e prescrições que, tudo compilado, certamente daria uma enciclopédia em dezenas de volumes. E é tudo para se cumprir!

E tudo se quer cumprido, nem que seja por medo das represálias ou sanções que do não cumprimento possa advir! Quando a “lei” aprisiona, intimida e se torna geradora de medos, perde toda a sua essência e originalidade, e acaba por perverter a vida e o seu sentido mais original, porque, afinal o “Sábado foi feito para o homem e não o homem para o Sábado”, e, à custa da exigência de um cumprimento vazio e frio da “lei”, o rol dos excluídos e dos “desmarcados” gradualmente vai aumentando, relegando-os ao número dos “infractores”. E para estes reclama-se castigo!

E no emaranhado de tanta “lei”, orientações, “mandamentos” e afins, a pergunta do escriba do Evangelho permanece viva e actual. Mais, desafiante e convergente: afinal “qual é o primeiro de todos os mandamentos?”

Eis, na prática, a questão do fundamental, do essencial e do decisivamente importante e gerador de vida!

A resposta do Mestre Jesus não podia ser outra que não a do plenamente verdadeiro, essencial e decisivo para quem faz a opção do seguimento: Amar! Apenas e só amar! Um amor sem limites e restrições, que galvanize todo o ser e existência; um amar que seja plenitude de um ser totalmente doação, serviço e entrega, que implique toda a vida e a vida toda.

A resposta do Mestre Jesus, não podia ser outra que não uma a de um amor feito cruz: um amor “vertical” que aponta o Céu e um amor “horizontal” que aponta os irmãos, porque, afinal, o amor ou é “duplo” ou não é coisa nenhuma! O amor só o é quando é de cruz: a Deus e aos irmãos! E aqui não há divórcio ou possibilidade de “nulidade matrimonial”.

Também aprendi, e certamente todos nós, que os Mandamentos da Lei de Deus são 10 mas resumem-se em dois: amar a Deus e amar os outros. E ficou tudo dito!

Quem assim viver e amar, “não está longe do Reino de Deus”!

Pe. Norberto Brum,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Hoje é dia da Igreja Diocesana Nos Açores 9=1

A 3 de Novembro de 1534, através da Bula “Aequum Reputamus”, o Papa Paulo III criava a Diocese de Angra, esta porção do Povo de Deus que vive nestas Ilhas dos Açores.

Composta pelas 9 ilhas açorianas, a nossa Diocese concretiza-se nas suas 165 Paróquias.

Na diversidade de formas de ser e de estar, na diversidade das manifestações de Religiosidade Popular que marca profundamente a identidade açoriana, a Diocese de Angra tem procurado estar atenta às realidades do nosso tempo, procurando respostas evangélicas para as questões prementes que se colocam, o que se tem verificado através dos diversos Programas e Orientações Pastorais emanadas pela mesma.

Com a realização do I Congresso Diocesano de Juventude, e agora saídos do Sínodo dos Bispos sobre os jovens, que decorreu em Roma entre os dias 3 e 28 de Outubro, os jovens continuam a ser uma prioridade e um desafio: serem hoje construtores desta Igreja Diocesana, protagonistas da edificação do Reino de Deus nestas ilhas dos Açores, sinais do amor misericordioso de Deus, através de um compromisso cada vez mais efectivo e afectivo.

À Igreja Diocesana, como à universal, se coloca a prioridade na escuta, acolhimento e acompanhamento das novas gerações, a par da família, uma prioridade sempre renovada e actual.

A Igreja de Jesus nestas ilhas constrói-se com todos: do mais velho ao mais novo e só será verdadeiramente Igreja quanto mais Diocese for e viver.

Para além do aniversário da Criação da nossa Diocese, que hoje se celebra, esta semana também é marcada pela abertura do Curso Geral de Catequistas, na ilha Terceira e pelo aniversário da fundação do nosso Seminário (9 de Novembro).

Imbuídos neste espírito de Diocese, na passada Quinta-



feira, dia de Todos-os-Santos, o Bispo de Angra e Ilhas dos Açores, D. João Lavrador, ordenou, na nossa Sé Catedral, o Diácono Fábio Carvalho de 33 anos, natural da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel, e instituiu no ministério de leitor e acólitos todos os alunos do 5º ano do Seminário, todos naturais de São Miguel: Nuno Sousa (Ribeirinha); Igor Oliveira (São Roque), Pedro Carvalho (Santa Bárbara além Capelas), Sandro Costa (Furnas), Aurélio Sousa (Sete Cidades) e João Farias (Santa Bárbara além Capelas).

Na homilia daquela celebração, D. João Lavrador convidou todos os diocesanos a seguirem o caminho das bem-aventuranças que conduz à santidade, e enalteceu o testemunho destes jovens que se entregam ao serviço de Jesus Cristo e da Igreja.

Abertas inscrições para REVIVER 3



É tempo do Shalom Reviver 3, que vai decorrer em Ponta Delgada, de 30 de Novembro a 2 de Dezembro. Podem inscrever-se os shalomistas que viveram até ao Shalom 37.

As inscrições devem ser enviadas para o e-mail pja.espiritualidade@gmail.com com o nome, contacto, data de nascimento e o número Shalom que viveram.

Palavra de Domingo

XXXI DOMINGO DO TEMPO COMUM

1ª Leitura

Deuterónimo 6,2-6

«Escuta Israel: Amarás o Senhor com todo o teu coração»

2ª Leitura

Hebreus 7,23-28

«Porque permanece para sempre, possui um sacerdócio eterno»

Evangelho

São Marcos 12,28b-34

«Amarás o Senhor teu Deus. Amarás o teu próximo»



A Palavra de Deus deste 31º Domingo do Tempo Comum afirma-nos que o amor está no centro da experiência cristã. O caminho da fé que, dia a dia, somos convidados a percorrer, resume-se no amor Deus e no amor aos irmãos – duas vertentes que não se excluem, antes se complementam mutuamente.

A primeira leitura apresenta-nos o início do “Shema’ Israel” – a solene proclamação de fé que todo o israelita devia fazer diariamente. É uma afirmação da unicidade de Deus e um

convite a amar a Deus com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças.

O Evangelho diz-nos, de forma clara e inquestionável, que toda a experiência de fé do discípulo de Jesus se resume no amor – amor a Deus e amor aos irmãos. Os dois mandamentos não podem separar-se: “amar a Deus” é cumprir a sua vontade e estabelecer com os irmãos relações de amor, de solidariedade, de partilha, de serviço, até ao dom total da vida. Tudo o resto é explicação, desenvolvimento, aplica-

ção à vida prática dessas duas coordenadas fundamentais da vida cristã.

Citando o primeiro versículo do “Shema’ Israel”, Jesus declara solenemente que o primeiro mandamento é o amor a Deus – um amor que deve ser total, sem divisões, feito de adesão plena aos projectos, à vontade, aos mandamentos de Deus: “com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças”. Como se achasse que a resposta não era suficiente, Jesus completa-a com a apresentação de um segundo mandamento: “amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Ou seja: o maior mandamento é o mandamento do amor; e esse mandamento concretiza-se em duas dimensões que se completam mutuamente – a do amor a Deus e a do amor ao próximo. A segunda leitura apresenta-nos Jesus Cristo como o sumo-sacerdote que veio ao mundo para cumprir o projecto salvador do Pai e para oferecer a sua vida em doação de amor aos homens. Cristo, com a sua obediência ao Pai e com a sua entrega em favor dos homens, diz-nos qual a melhor forma de expressarmos o nosso amor a Deus.

Ecos do Sínodo dos Bispos 2018

Carta dos Padres Sinodais aos jovens

“A vós, jovens do mundo, nós, Padres Sinodais, dirigimo-nos com uma palavra de esperança, confiança e consolação. Nestes dias, reunimo-nos para escutar a voz de Jesus, “o Cristo, eternamente jovem”, e reconhecer N’Ele as vozes dos jovens e os seus gritos de exultação, lamentos e silêncios.

Sabemos das vossas buscas interiores, das alegrias e das esperanças, das dores e angústias que fazem parte da vossa inquietude. Agora, desejamos que escutem uma palavra nossa: desejamos ser colaboradores da vossa alegria para que as vossas expectativas se transformem em ideais. Temos a certeza de que, com a vossa vontade de viver, estão prontos para se empenharem para que os sonhos ganhem forma na vossa existência e na história humana.

Que as nossas fraquezas não vos desencorajem, que as fragilidades e

os pecados não sejam um obstáculo à vossa confiança. A Igreja é mãe, não vos abandona, está pronta para acompanhar-vos em novos caminhos, nos caminhos mais altos onde o vento do Espírito sopra mais forte, varrendo as brumas da indiferença, da superficialidade, do desânimo.

Quando o mundo, que Deus tanto amou a ponto de lhe doar o seu Filho Jesus, está subordinado às coisas, ao sucesso imediato e ao prazer, esmagando os mais fracos, vocês ajudam-no a reerguer-se e a voltar o seu olhar para o amor, para a beleza, para a verdade e para a justiça.

Durante um mês, caminhamos juntos com alguns de vós e muitos outros unidos através da oração e afecto. Desejamos continuar agora este caminho, em todas as partes da terra, onde o Senhor Jesus nos envia como discípulos missionários.

A Igreja e o mundo precisam ur-



gentemente de vosso entusiasmo. Sejam companheiros de estrada dos mais frágeis, dos pobres e dos feridos

pela vida.

Vocês são o presente, sejam o futuro mais luminoso.”

“Uma Igreja em escuta dos jovens” propõe Documento Final

Após um caminho de preparação em que os jovens do mundo foram envolvidos, numa dinâmica verdadeiramente sinodal, de abertura, escuta e aceitação recíproca, e depois dos 26 dias de celebração e vivência do Sínodo dos Bispos sobre “Os jovens, a fé e discernimento vocacional”, que aconteceu entre os dias 3 e 28 de Outubro, os Padres Sinodais ofereceram aos jovens e a toda a Igreja um Documento final que, no dizer dos mesmos, “é o fruto do discernimento alcançado e reúne os núcleos temáticos geradores sobre os quais os Padres Sinodais se concentraram com particular intensidade e paixão”.

“Este documento é oferecido ao Santo Padre e também a toda a Igreja como fruto deste Sínodo”, podemos ler no mesmo. “Como a jornada sinodal ainda não terminou e prevê uma fase de implementação, o Documento Final será um mapa para guiar os próximos passos que a Igreja é chamada a seguir, concluem os Padres Sinodais no nº 3 da Introdução do referido Documento.

Este Documento Final que agora nos é oferecido para reflexão, aprofundamento e consequente aplicação na acção pastoral da Igreja, é constituído por três partes, cada uma contendo quatro capítulos e, no final, uma conclusão.

“Caminhamos juntos, com o sucessor de Pedro, que confirmou na Fé e entusiasmo na missão. Embora provenientes de contextos muito diferentes do ponto de vista cultural e eclesial, sentimos desde o início uma harmonia espiritual, um desejo de diálogo e uma verdadeira empatia”, referem os Padres Sinodais, no nº 1 da Introdução. “Trabalhamos juntos”, continuam, “compartilhando o que estava mais próximo de nós, comunicando as nossas preocupações, não escondendo os nossos esforços. Muitas intervenções geraram em nós emoção e compaixão evangélica: sentimo-nos um corpo único que sofre e se alegra. Queremos compartilhar com todos a experiência da graça que vivemos e transmitir às nossas Igrejas e ao mundo inteiro a alegria do Evangelho”.

A presença dos jovens marcou uma novidade: através deles a voz de toda uma geração ressoou no Sínodo. Caminhando com eles, experimentamos que a proximidade cria as condições para que na Igreja haja espaço para diálogo e testemunho de fraternidade que fascina. A força dessa experiência supera toda a fadiga e fraqueza. O Senhor continua repetindo para nós: “Não tenhais medo: Eu estou convosco”.

Escutar e ver com empatia, o ambiente digital, reconhecer e reagir a todos os ti-

pos de abuso, família e gerações, participação e protagonismo, a vocação, acompanhar, discernimento, estruturas, vida comunitária, uma pastoral juvenil em chave vocacional e a formação integral, são alguns dos temas reflectidos neste Documento Final que agora carece de ser estudado e aprofundado nas diversas instâncias da Igreja, uma vez que toda ela é implicada, nomeadamente no campo da acção pastoral com os jovens.

Uma Igreja em escuta dos jovens, é uma das reflexões mais caras aos Padres Sinodais que afirmam, no nº 7, que “os jovens são chamados a fazer continuamente escolhas que orientem sua existência; expressar o desejo de ser ouvido, reconhecido, acompanhado. Muitos experimentam como a sua voz não é considerada interessante e útil no campo social e eclesial. Em vários contextos há uma falta de atenção ao seu choro, em particular àquele mais pobres e mais explorados, e também à falta de adultos disponíveis e capazes de ouvir”.

“Escutar possibilita a troca de presentes num contexto de empatia. Ele permite que os jovens dêem a sua contribuição na comunidade, ajudando-os a captar novas sensibilidades e a fazer perguntas não publicadas. Ao mesmo tempo, estabelece as condições para um anúncio do Evange-

lho que verdadeiramente atinge o coração, de maneira incisiva e frutífera”, referem.

“Escutar é um momento de qualificação no ministério dos pastores e, em primeiro lugar, dos bispos, que muitas vezes se vêem sobrecarregados com muitos compromissos e lutam para encontrar tempo adequado para esse serviço indispensável. Acreditar no valor teológico e pastoral da escuta implica repensar a renovação das formas com que o ministério presbiteral se expressa habitualmente e a verificação de suas prioridades. Além disso, o Sínodo reconhece a necessidade de preparar leigos consagrados, homens e mulheres, qualificados para o acompanhamento dos jovens. O carisma de escuta que o Espírito Santo suscita nas comunidades também pode receber uma forma de reconhecimento institucional do serviço eclesial”, pode ler-se no nº 9.

A Paróquia, enquanto realidade eclesial mais próxima, também é tema de reflexão, levando mesmo os Padres Sinodais a pedirem uma renovação das mesmas: “é necessário repensar pastoralmente a paróquia, numa lógica de co-responsabilidade eclesial e de zelo missionário, desenvolvendo sinergias no território. Só assim pode aparecer um ambiente significativo que intercepta a vida dos jovens”, referem no nº 129.

